

Jorge PALEIKAT

Métodos científicos para determinar a autenticidade e a ordem de publicação dos diálogos platônicos (II)

CAPÍTULO II

A ordem de publicação dos diálogos platônicos

Ora bem, a questão da autenticidade dos diálogos platônicos se resolve de maneira satisfatória; mas, que se passa com o problema da ordem de edição dos seus diálogos? Qual o diálogo foi o primeiro a ser publicado e qual o último? A que ordem, em suma, se subordinam os diálogos ao entrar no conhecimento do público? Informações dignas de acatamento e derivadas de fontes insuspeitas da antiguidade, só as possuímos a respeito do diálogo autêntico "Leis" e do seu adendum "Epinomis" de origem platônica duvidosa. O diálogo "Leis" foi a última obra de Platão, tendo sido editada após sua morte por seu aluno Felipe de Opus, e juntamente com a "Epinomis". É possível, entretanto, que Platão tivesse falecido depois de ter redigido as "Leis" e que Felipe de Opus considerasse esta obra como inacabada, escrevendo, por isso, para suplemento dela, a "Epinomis", — como, aliás, alguns críticos antigos supõem. Sobre a edição de qualquer outro diálogo faltam-nos totalmente informações dignas de crédito. Aristóteles — o nosso melhor testemunho quanto à questão da autenticidade dos diálogos platônicos — deixa-nos completamente desamparados ao tratarmos de saber o tempo em que foram eles editados.

Pois bem, descontando as "Leis" e ponde de lado todos os diálogos de origem platônica duvidosa, restam outras 22 obras absolutamente autênticas, e a respeito das quais nem sabemos o tempo em que foram editadas e muito menos a ordem da edição.

Naturalmente que se nos deparam certas afirmações, advinhadas ou concluídas sem apuradas deliberações. "Apolo-
logia" e o "Criton", por exemplo, revelam pelo assunto que

abordam, com nitidez evidente, o intuito de glorificar Sócrates e defendê-lo contra injustas acusações. Donde se segue que estas obras teriam sido escritas ou no mesmo ano em que Sócrates morreu (ano 399 a.C.) ou pelo menos poucos anos após.

O que nos interessa, porém, em primeira linha, é a questão tendente a apurar em que ordem foram publicados os grandes diálogos sistemáticos. Estes diálogos são: Fedon Cratilos, Teaitetos, Sofista, Político, Parmênides, Filebos, Simposion, Fedro Eutidemos Gorgias Menon República, Timaios e Critias. Nestes 15 diálogos indubitavelmente genuínos e nas "Leis" se baseia a nossa compreensão do sistema platônico. Quanto à publicação das "Leis" estamos bem informados, faltando precisar a data para os diálogos restantes, o que não é tarefa fácil.

Os editores e exegetas antigos das obras platônicas não se preocuparam com o problema da ordem de publicação delas e, se Platão estivesse no lugar de Aristóteles também não se preocuparia com este aspecto da questão, muito menos nós. As obras aristotélicas que possuímos são estruturadas de tal modo que jamais uma invade o âmbito da outra. E quando um livro oristotélico aborda um tema já tratado de qualquer maneira por outro, o segundo vem a constituir apenas um suplemento ou comentário do primeiro, sem jamais acrescentar-lhe modificações. Livro algum escrito por Aristóteles, em confronto com outro, apresenta qualquer progresso, pois que o Stagirita em tôdas as suas publicações o que faz é desenvolver um sistema invariável e completo. Com Platão, todavia, sucede algo diferente, pois que seu sistema é bem mais complexo.

Não diremos, como alguns historiadores, que Platão nada fez de sistemático, constituindo cada diálogo um sistema à parte, elaborando Platão tantos sistemas quantos são os seus diálogos publicados. Certamente que esta afirmação é exagerada, Platão elaborou realmente um sistema filosófico, se bem que, por outro lado, seja inegável que êle foi estruturando-o progressivamente, ao contrário de Aristóteles que principiou a redigir seus trabalhos chegados até nós entre o 50.º e o 62.º ano de sua vida, quando no espírito já tinha amadurecido suas doutrinas. De fato, Platão começou a escrever e a publicar seus diálogos em plena mocidade, no mínimo com 30 anos donde se segue que vez por outra devesse acrescentar alguma modificação ou aditamento à sua filosofia. Entretanto os seus diálogos não se contradizem, completando-se e corrigindo-se sem, contudo, impedir que se forme um sistema uniforme. Daí se segue mais uma conclusão: para o historiador da filosofia tem uma importância

enorme o saber de que maneira o espírito de Platão se desenvolveu e de que modo se originou seu grandioso sistema filosófico. Só deslindaremos esta questão sabendo a ordem a que êle se cingiu quando escreveu seus diálogos principais. Para compreender a filosofia de Aristóteles não é necessário saber a seriação cronológica dos seus trabalhos. Em contração, tanto mais fundamental é, para a compreensão do sistema platônico, a solução deste problema. Devemos, pois, examinar em todo o caso o problema que se segue: qual, dentre os 15 diálogos mencionados, foi publicado em primeiro lugar e qual e último?

De que modo poderá ser estabelecida esta ordem de publicação? Há vários critérios e cuja aplicação poderá dar algum resultado.

Um deles é o seguinte: quanto mais dor um diálogo demonstrar pela morte de Sócrates e quanto mais ira o autor revelar contra os acusadores do seu querido mestre, tanto menor o tempo passado entre a morte de Sócrates e a edição do respectivo diálogo. Evidentemente tal critério tem sua razão de ser apesar de seu valor relativo, visto que é inegável o surgimento do sofrimento e da raiva pelo único influxo da memória, mormente quando o sucesso os gerou calou profundamente na alma do sujeito.

Outro critério é o que repousa sobre a referência feita a pessoas e acontecimentos históricos. Isto, porém, quase nada adianta. Em todos os diálogos — menos nas "Leis", que não precisamos discutir aqui — é Sócrates a pessoa principal ou pelos menos o crítico principal, e daí se segue que nunca podem ser mencionados acontecimentos posteriores à morte de Sócrates.

Primeiro, porém, algumas palavras sobre o problema se Platão começou sua atividade literária já antes da morte de Sócrates: conforme uma notícia da antiguidade (Diógenes Laertius, III. 35), o diálogo "Lisis" foi publicado antes da morte de Sócrates. Conforme alguns filólogos modernos, entre os quais Ulrich de Wilamowitz-Moellendorff, alguns outros diálogos foram publicados antes da morte de Sócrates. Mas o "Lisis", como os outros aqui mencionados, são insignificantes e não contribuem quase nada para a compreensão da filosofia platônica. Todos os diálogos importantes foram de certo publicados após a morte de Sócrates. Portanto, Platão formou seus próprios pensamentos só posteriormente ao desaparecimento do seu querido mestre. Se tivesse escrito um dos seus importantes diálogos antes disso, Sócrates teria julgado sobre a filosofia do seu maior aluno, e este julgamento nos teria chegado, sem dúvida, através de Aristóteles, que distingui nitidamente entre a filosofia platônica e

socrática, estando mais a favor de Sócrates do que de Platão. Mas nunca o Stagirita afirma que Sócrates houvesse criticado a filosofia do discípulo. Caso tal fato se tivesse acontecido, seria natural a sua menção.

Ora, é bem evidente que todos os importantes diálogos de Platão foram publicados depois da morte de Sócrates. Entretanto, não podem mencionar acontecimentos posteriores a Sócrates. Por isso, é impossível determinar, pela história, a ordem de publicação destas obras. Só a respeito de um diálogo é, talvez, possível determinar que êle é um dos primeiros que Platão escreveu: o "Fedro". Lá se expõem certas regras retóricas, caracterizando-se Lisias como mau orador, e enuncia-se (278 e, 279a,) a esperança de que o jovem Isocrates será um bom orador. As duas obras de Isocrates, que chegaram até nós, revelam, no entanto, que êle — se aquelas regras retóricas são certas — foi pior do que o condenado Lisias. Como é que Platão pôde escrever que Isocrates será bom orador? Só achamos uma explicação: êste diálogo foi publicado antes de Isocrates publicar suas obras principais, quando Platão tinha ainda uma opinião errônea sobre seu contemporâneo. Sabemos que muitos filólogos não reconhecem êste argumento, mas parece-nos convincente. Mas existem outros critérios:

Alguns diálogos mencionam outros. O "Político" se apresenta no seu prefácio como continuação do "Sofista"; o "Timaios", como continuação da "República"; o "Fedon" (73a) alude evidentemente ao "Menon". E' claro que um diálogo que faz referência a outro, deve ser posterior a êste. De outro lado, quando um diálogo não menciona outro, onde se deveria, logicamente, esperar tal menção: é prova de que o diálogo não referido não existia ainda? Para determiná-lo, é necessário examinar o enredo do respectivo diálogo. A veia poética de Platão representa o seu mestre e seus interlocutores quase sempre em um lugar e tempo bem determinados: no "Parmênides", Sócrates aparece como jovem, em outros diálogos, como homem maduro ou velho, no "Fedon", como moribundo que, no cárcere, no último dia de sua vida, fala aos amigos, depois ingere o veneno e morre. Devido a êsse enredo, nenhum diálogo publicado depois de "Fedon" pode mencioná-lo, mas o "Fedon" pode referir-se a todos os outros publicados antes dêle. Na "República" (611 a segs.) seria logicamente necessário mencionar o "Fedon", mas é impossível, porque Sócrates na "República" é apresentado no ano 408, isto é, nove anos antes da sua morte. Não se pode concluir daí que o "Fedon" foi publicado depois da "República". Compreende-se perfeitamente que a "Repúbli-

ca" — publicada, conforme nossa opinião, vários anos depois do "Fedon" — não pode mencioná-lo.

Outro critério se apoia no estilo e na linguagem dum diálogo, comparados com o estilo e a linguagem de outra obra platônica. E' inegável que a deliberação fundada no estilo de determinados diálogos pode ter, muita vez, enorme valor; por outro lado, porém, e em ocasiões não raras, o seu valor é insignificante. Não menos certo é que o estilo de um escrito costuma alterar-se com o avanço dos anos, sendo possível distinguir entre o da mocidade e o da velhice dum mesmo autor. Por outro lado, não é menos verdade que o estilo do redator não se altera com regularidade tão uniforme que seja possível determinar, apenas pelo emprêgo dêste critério estilístico, a ordem de publicação de quinze obras diferentes do respectivo escritor. Além disso, o estilo usado numa obra literária não depende tão somente da idade do escrito, como também da matéria versada e do modo de elaborá-la. Uma tragédia exige linguagem diversa da empregada na comédia. Um livro popular requer outras expressões que não as de uma obra rigorosamente científica. E justamente Platão, mestre do estilo grego, descobre sempre a linguagem adequada à ocasião e à intenção que o impele, quer dizer: adapta sua linguagem ao enredo do diálogo redigido. Vejamos alguns casos típicos: em alguns diálogos, Sócrates encontra na rua, por acaso, algumas pessoas conhecidas que o cumprimentam; desenvolve-se primeiro uma conversa familiar, e depois uma discussão filosófica — é lógico que êsses diálogos conservam até o fim a linguagem cotidiana. Noutros diálogos, Sócrates encontra-se com outros sábios com a intenção de discutir um determinado problema, num Congresso de Filosofia com programa previamente elaborado — a linguagem aqui usada é convenientemente elevada, rigorosamente científica. Atentando para essas circunstâncias, deve-se reconhecer que o critério baseado no estilo é muito fraco.

O critério principal e decisivo, conforme nosso parecer, baseia-se na comparação dos diálogos quanto ao seu desenvolvimento filosófico. Um diálogo mais desenvolvido dever ser considerado como posterior a um menos avançado. Não se pode negar que na filosofia a avaliação de uma doutrina depende, muita vez, da mentalidade do crítico. O que um considera progresso, outro pode, talvez, julgar inferior. Mas agora mencionaremos alguns exemplos que, sem dúvida, têm valor objetivo.

Vários diálogos contêm discussões psicológicas. Em alguns, Platão fala simplesmente na "alma", e noutros explica que a alma consiste em três partes. Quais são os diálogos anteriores? Acreditamos que um filósofo que está con-

veído de que a alma tem três partes, não falará somente na "alma", mas explicará se se refere à alma inteira ou a uma parte, e qual delas. Quem apenas fala em "alma", não crê em partes dela ou, ao menos, não deliberou, ainda, se a alma é unidade ou pluralidade. Concluimos: os diálogos que falam em três partes da alma são posteriores aos que apenas conhecem "a alma".

O meio para conhecer o ser verdadeiro, quer dizer, o preparo para filosofia, é, no "Fedro" e no "Simposion", o amor; no "Fedon", a ascética; e na "República", a matemática. Ora, qual é a última teoria? Julgamos que o filósofo que descobriu para sua doutrina uma base tão racional como a matemática, não recorrerá a meios irracionais. Por isso, as obras que falam no amor e na ascética devem ser consideradas como anteriores à "República".

O ser verdadeiro, conforme a metafísica platônica, representa-se pelas idéias eternas. Em alguns diálogos esta metafísica está exposta com muito pouca exatidão; não se entende se estas idéias são coordenadas ou se uma é superior às outras, e muito menos se entende de que modo os objetos materiais dependem delas. Na "República" e no "Timaios", porém, tudo fica bem esclarecido. Não precisamos de explicar que os diálogos devem ser considerados os mais desenvolvidos. Platão formou sua metafísica em estado embrional, inicialmente, e a publicou primeiro com grande elan poético. Depois, raciocinou sempre mais e deu-lho forma bem racional.

Nem todos os diálogos contêm a doutrina das idéias eternas, quer dizer, nem todos discutem problemas metafísicos. Daí se segue que não podemos concluir tenham sido primeiro publicado aqueles diálogos que não contêm esta doutrina tipicamente platônica. Podemos, porém, determinar o diálogo que é primeiro a contê-la. É o "Fedro", onde (247 c) Platão, com o orgulho do descobridor triunfante, declara que nenhum poeta glorificou ainda o lugar supraceleste das idéias, nem glorificará dignamente. Sabemos que muitos filósofos não têm a mesma opinião, mas nós não podemos compreender estas exposições de outro modo.

Para a "República" temos ainda um critério especial. Platão expõe nela e educação do filósofo e declara (540 a) que o estudo da filosofia propriamente dita deve começar no quinquagésimo ano da vida. Se o autor não quis ridicularizá-la a si mesmo, só poderá ter escrito isto quando já tinha mais de cinquenta anos, quer dizer, depois do ano 377 a. C. Por outro lado, sabemos que no ano 368, quando Platão fez sua segunda viagem à Sicília, a "República" ali já era conhecida. A "República", por isso, deve ter sido redigida entre os anos

377 e 368 a. C., o que concorda bem com os outros critérios: a "República" é a obra dum homem maduro, que já elaborara, há vários anos, teorias filosóficas que neste diálogo estão bem expostas e logicamente fundamentadas. O elan poético do "Fedro" e do "Simposion" foi substituído por uma indução racional e a ascética do "Fedon" desapareceu diante de um profundo estudo científico.

Mas os diálogos platônicos oferecem ainda outros problemas.

Um deles é o dos diálogos destruidores ou socráticos, que oferecem nenhum resultado ou resultados evidentemente absurdos, e que parecem ser inacabados. (Compare-se a série de nossos trabalhos "O Cepticismo Acadêmico", in "Estudos", órgão da Associação de Professores Católicos do RGS, P. Alegre, dezembro de 1941 a abril de 1942). Alguns antigos consideram estes diálogos como prova de que aí se representa o Sócrates histórico, que foi cético. Mas isso não está certo. Estes diálogos, na sua maioria, são esquemas e esboços de obras maiores projetadas ou livros didáticos para a Academia, sobre os quais Platão calcava suas explicações de aula. O primeiro livro da "República" era, evidentemente, também um pequeno diálogo insignificante, que Platão vários anos após usou como prefácio da sua obra principal. Outros, como por exemplo o "Teaitetos", provavelmente só têm a finalidade de refutar algumas doutrinas filosóficas que Platão considera errôneas, e é suplemento do "Sofista", no qual falaremos depois.

Mas alguns outros problemas são mais complicados. No prefácio do "Sofista", cujo enredo é um congresso de filosofia, faz-se um programa: no 1.º dia, discutir-se-á o sofista; no 2.º, o político; no 3.º, o filósofo. No prefácio do "Político", que se apresenta como continuação do "Sofista", declara-se que se discutirá agora o político e depois o filósofo. Quer dizer: Platão promete publicar três diálogos: "Sofista", "Político" e "Filósofo". O "Sofista" e o "Político" foram publicados, mas o "Filósofo", nunca. Por que Platão não realizou o seu projeto literário?

É claro que não podemos supor que a morte lhe impedisse, porque sabemos bem que ele morreu depois de ter escrito o volumoso diálogo "Leis", em lugar do qual poderia ter escrito outro. Platão deve ter mudado o seu projeto literário depois de ter escrito o "Político". O "Sofista" contém uma refutação de todas as doutrinas filosóficas erradas. (Vários anos depois, como parece, Platão notou que estas refutações não eram bem suficientes e publicou o acima mencionado "Teaitetos"). O "Político" contém exposições sociológicas e discute a dificuldade de governar bem um Estado, ex-

põe que seis constituições são logicamente possíveis, mas que só três delas podem ser relativamente boas, mas menciona (303 b) que um sétima constituição seria a melhor.

Ora, que é que se deve esperar do "Filósofo projetado"?

O "Filósofo" deveria conter exposições sobre a filosofia verdadeira e sobre a melhor constituição política. Aquêl congresso de filosofia que é o enredo do "Sofista" e do "Político" deve terminar com um resultado positivo. Por que Platão não nos oferece?

Nossa opinião é: oferece-o noutra diálogo, que tem outro título. A "República" contém uma definição do filósofo (484 b), descreve como o filósofo deve ser educado e instruído, traz exposições detalhadas sobre a filosofia que Platão considera a verdadeira, descreve a organização política considerada a melhor pelo autor, e declara também que os verdadeiros filósofos devem ser governadores deste Estado Ideal (473 d). Quer dizer, pois, que o título "Filósofo" caberia para este diálogo muito melhor do que o título "República". Temos, por isso, a coragem de afirmar que a "República" é o "Filósofo" projetado, que só mudou sua indumentária, apesar de sabermos que muitos filólogos não estão de acordo com isso. É claro que devemos achar uma explicação razoável para o fato de Platão ter mudado seu projeto literário e ter dado ao diálogo "Filósofo" outro título e outro enredo.

Platão é aluno grato de Sócrates e o homenageia na maioria dos seus diálogos, apresentando-o como pessoa principal e colocando nos seus lábios os próprios pensamentos platônicos. O autor quer exprimir que sua filosofia se baseia, antes de tudo, na filosofia socrática. Mas é bastante justo para reconhecer que Sócrates não é o único a quem deve sua instrução filosófica, mas estudou também outros sistemas filosóficos que muito o influenciaram. A metafísica platônica depende em grande escala da ontologia dos eleatas, e Platão sente que os fundadores desta Escola também devem ser homenageados: em alguns diálogos um eleata deve ser a pessoa principal, e Sócrates, só, o interlocutor que discute com êle.

O "Sofista" alude (217 c) ao diálogo "Parmênides", que representa a primeira tentativa de homenagear os eleatas deste modo: Parmênides, o fundador da Escola Eleata, é pessoa principal e fala com Sócrates. Sobre o valor filosófico deste diálogo não queremos discutir, mas basta dizer aqui que a projetada homenagem dos eleatas fracassa completamente. Parmênides morreu, talvez, já antes do nascimento de Sócrates, e em todo caso não vivia mais quando Sócrates era capaz de discutir problemas filosóficos. Platão experi-

menta esconder este horrível anacronismo apresentando Parmênides neste diálogo como muito velho e Sócrates como mocinho, mas depois o autor notou que este truque literário originou uma coisa mais absurda ainda: este Sócrates mocinho manifesta uma instrução filosófica impossível num jovem, e fala com Parmênides de um modo que não convém a rapazes educados diante de homens idosos. Platão se convenceu de que os eleatas deveriam ser homenageados de outra maneira, noutra diálogos. O Sócrates que tem a coragem de julgar os eleatas deve ser um homem maduro. No "Sofista", porém, Platão achou a maneira que lhe convinha para homenagear os eleatas. A pessoa principal é um velho estrangeiro de Elea que se apresenta como antigo aluno de Parmênides e fala com grande respeito do seu professor, e o Sócrates com quem êle discute é um homem velho e filósofo afamado. Isto não é anacronismo: alguns antigos alunos de Parmênides podiam viver ainda quando Sócrates já era bem idoso. Este estrangeiro de Elea representa toda a Escola Eleata, e através dêle homenageia-se Parmênides e todos os eleatas. Platão tinha a intenção de fazer a mesma homenagem nos três diálogos: "Sofista", "Político" e "Filósofo" dando-lhes a todos o mesmo enredo. Colocaria nos lábios dos eleatas seus próprios pensamentos, e Sócrates é o seu árbitro, favorável, mas não é a pessoa principal. Este é o desenvolvimento do congresso de filosofia imaginado por Platão.

Usa-se este enredo no "Sofista" e no "Político" e deveria assim no "Filósofo" projetado. Mas, evidentemente, lembrou-se depois de que não poderia fazê-lo até o fim. Previu que este último diálogo da trilogia seria sua obra principal, onde haveria de expor sua própria metafísica e sociologia. E tudo isto então seria colocado nos lábios do eleata. Equivaleria a indicar que aos eleatas Platão devesse sua doutrina principal. Entretanto, êle quer mostrar que seu professor principal, que lhe deu a base da sua instrução filosófica, foi Sócrates. Por isso, sua obra prima deve tê-lo como primeiro protagonista, que pronuncia os pensamentos platônicos. Não lhe convinha apenas aquêl papel secundário dos dois primeiros diálogos da trilogia. Então, publicou o assunto projetado para o "Filósofo" num outro diálogo, com outro título e outro enredo.

Delineado estes planos, Platão lembrou-se de um pequeno diálogo inacabado que redigira há muito tempo já e cujo título não conhecemos, mas que segundo os filólogos alemães Duemmler e v. Arnim, foi chamado de "Thrasymachos" — conforme o nome de um dos seus interlocutores. A pessoa principal neste diálogo é Sócrates. Portanto, usando este

diálogo como prefácio do "Filósofo" projetado, tinha o enredo desejado: Sócrates, intérprete das idéias platônicas. Mas naquele "Thrasymachos" aparecem também os dois irmãos de Platão, Glaucon e Adeimantos. Era fácil atribuir-lhes na continuação, i. é, na parte principal do extenso diálogo, os papéis de interlocutores principais de Sócrates.

Assim podia também homenagear seus irmãos que entretanto, provavelmente, haviam já morrido. E' claro que esta modificação do enredo do "Filósofo" originou, também, a mudança do título. Chamou a este grande diálogo, que de fato se tornou sua obra-prima, de "República", e o "Filósofo" foi esquecido. Mas o seu assunto foi publicado nos livros II. até X. da "República", cujo prefácio é o livro I., o chamado "Thrasymachos".

Como outra prova de que a "República" é o "Filósofo" projetado, pode servir o fato de que o "Timaios", no seu princípio, se apresenta diretamente como continuação da "República". Platão notou, em seguida, que seu sistema metafísico precisava de um suplemento, consistente em certas exposições sobre a religião e sobre a formação do mundo material, e alguns outros problemas científicos. Assim, ele mesmo indica-nos que a "República", sua obra principal, pode ser completada, mas não corrigida em pontos significativos. Se elle tivesse um outro diálogo de nome "Filósofo", este deveria ser a sua obra-prima. Não se dá esse título a uma obra ultrapassada e insignificante. A maioria dos filólogos opinam que o "Timaios" é um dos últimos diálogos platônicos, e nós estamos de acôrdo. Mas, sendo assim, cusa-nos imaginar que o autor pudesse apresentar a "República" como sua obra principal e simultaneamente projetar um "Filósofo" que, conforme seu título, deveria ser mais importante.